

OFENSIVA

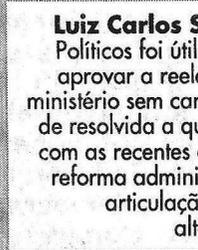
FH prepara fase "realizadora" de governo

VIRADA TÁTICA

O que pode mudar no comando político do governo



Sérgio Motta — O ministro das Comunicações sai do centro de articulação política, desgastado com o escândalo da venda de votos pró-reeleição. Além disso, seu estilo "traidor" já deu muitas dores de cabeça ao governo e gerou reações iradas de parlamentares aliados no Congresso. O ministro, porém, é amigo pessoal do presidente e tem, a favor, um desempenho elogiado no setor de telecomunicações, o próximo a ser privatizado



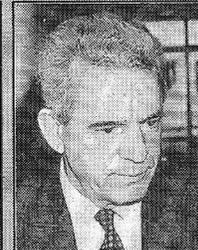
Luiz Carlos Santos — O ministro dos Assuntos Políticos foi útil para o governo na operação para aprovar a reeleição na Câmara. Ocupante de um ministério sem cargos, Santos ficou esvaziado depois de resolvida a questão na Câmara e perdeu espaço com as recentes derrotas do governo na votação da reforma administrativa. Um rearranjo no centro de articulação do governo deve passar por uma alteração no ministério extraordinário



Luís Eduardo Magalhães — O ex-presidente da Câmara é o articulador político dos sonhos de Fernando Henrique, que quer tê-lo no centro das operações para reacomodar a base de sustentação parlamentar no Congresso. Depois da aprovação da reeleição na Câmara, Luís Eduardo não demonstrou interesse em ocupar um ministério. Agora, depois da crise, crescem as pressões por sua participação mais efetiva na cúpula política do governo



Íris Rezende — O novo ministro da Justiça assumiu o cargo por indicação do partido. Por ora, demonstra ter esquecido as mágoas que guardou de Fernando Henrique, que apoiou seu adversário Antônio Carlos Magalhães na disputa pela presidência do Senado. Esse engajamento quase levou o PMDB a romper com o Planalto em janeiro. Íris assumiu a Justiça com a idéia de reforçar a articulação política com o Congresso e o Judiciário



Benito Gama — O líder do governo na Câmara vem conseguindo uma sobrevivência no cargo, eternamente cobiçado pelos tucanos. Benito atuou na negociação dos votos para a reeleição e manteve-se no centro das operações na Câmara na nova sessão legislativa. Mas o governo tem sido derrotado sucessivamente na Casa nas votações das reformas, um dos fatores que está levando Fernando Henrique a repensar a equipe de seu comando político



José Aníbal — O ex-líder do PSDB na Câmara ainda sonha com o lugar de Benito. Mas todas as pressões feitas pelo grupo favorável a uma maior influência tucana tiveram resultado nulo. Sem o cargo de líder do governo, José Aníbal tem se limitado a defender o governador Mário Covas (PSDB) das críticas da oposição, principalmente quanto à violência policial no Estado e a transferência do Banespa para a União



Assim que for aprovada emenda da reeleição, presidente vai não apenas promover mudanças no comando político, mas também inaugurar novo estilo de administração

CHRISTIANE SAMARCO

BRASÍLIA — O presidente Fernando Henrique Cardoso vai modificar não apenas o comando político do governo, como também inaugurar um novo estilo de administração. O timing das mudanças já está definido: assim que for aprovada a emenda da reeleição no Senado (em 4 de junho), ele pretende fazer um pronunciamento à nação para prestar contas de suas realizações e dos projetos que pretende executar até o fim do mandato, no ano que vem.

O detalhamento da nova fase, que está sendo chamada de "realizadora", do governo, será dado numa entrevista coletiva à imprensa. "Nesse dia, Fernando Henrique já estará operando com um time novo na coordenação política", garantiu um de seus colaboradores mais próximos. Todo o esforço do presidente tem por objetivo incluir o deputado Luís Eduardo Magalhães (PFL-BA) no time de operadores políticos.

"Ele será o maestro da base do governo", disse o líder do PFL na Câmara, Inocêncio Oliveira (PE), enquanto Luís Eduardo era recebido por Fernando Henrique no Palácio do Planalto. "O desafio do presidente é mexer as peças sem desmontar o xadrez."

De acordo com fontes do Palácio do Planalto, a tendência, hoje, é dar a Luís Eduardo a liderança do governo na Câmara (*mais informações na Coluna do Estadão*). Mesmo assim persistiria um problema: que destino dar ao ministro dos Assuntos Políticos, Luiz Carlos Santos. "Esse ministério já se esgotou e não veste bem no Luís Eduardo", avaliou um amigo e colaborador do presidente. Ele não vê dificuldades em entregar ao cacique baiano a cadeira do atual líder do governo na Câmara, Benito Gama (PFL-BA): "Tirar do Benito para dar ao chefe dele não é

problema." Já não se pode dizer o mesmo do ministro Santos.

Equacionado o problema de Santos, restará a Fernando Henrique outro problema: acomodar um tucano no comando político. "O presidente já avisou ao José Aníbal (PSDB-SP) que ele terá um papel importante nesse novo esquema, mas não disse onde", contou um dirigente do PSDB. A idéia é deixar Aníbal e Luís Eduardo operando na Câmara, enquanto o recém-empossado ministro da Justiça, senador Íris Resende (PMDB-GO), trabalha no Senado, auxiliado pelos líderes governistas Elcio Alvares (PFL-ES) e José Roberto Arruda (PSDB-DF). "Eu acho bom reforçar a coordenação política", disse ontem o ministro Íris.

Esfriamento — Com o recesso branco do Congresso na próxima semana, o Planalto aposta no esfriamento da crise provocada pelas denúncias de compra de votos para aprovar a reeleição, fundamental para que se dê início à nova fase do governo. Nesse segundo tempo, o ministro Sérgio Motta perderá seu lugar no comando político do governo. "Ele terá de se limitar ao espaço

LIDERANÇA NA
CÂMARA DEVE
FICAR COM LUÍS
EDUARDO

de seu ministério, porque é isso que o presidente quer", disse um interlocutor de Fernando Henrique, ao salientar que o novo time político terá tarefa diferente do atual.

Não foi por acaso que o presidente enfatizou no discurso de posse de seu ministro da Justiça que as reformas constitucionais estão entregues ao Congresso. O esforço para concluir as reformas administrativa e da Previdência Social só vai durar até julho e a ordem é não transigir, para evitar que se repitam denúncias de mercado de votos. "O PSDB será firme na defesa das reformas que interessam ao governo e ao País e não vai negociar aquilo que julga ser correto", avisou o presidente do partido, senador Teotônio Vilela (AL).